

ignorância linguística ou pobreza de vocabulário, mas, pelo contrário, obedecendo a um critério estético e no intuito de enriquecer a língua portuguesa com termos que correspondiam a conceitos, a hábitos ou a objectos que desconhecia. Além disso, por meio dos estrangeirismos, puros ou portuguesesados, Garrett descreve, com pitoresco e requinte, ambientes e personagens estrangeiros. Assim acontece com o emprego de vocábulos como desapontar, flartar, anglicismos que soube adaptar à prosódia portuguesa. Mas muitos outros anglicismos se encontram nas Viagens, tais como fashionável, também exemplo de adaptação linguística, mas que não vingou, e toast, parlour, gin, lady, sempre escritos em itálico, assim como os francesismos bouloir, demi-jour, élançée, tranchons le mot, e muitos mais, além de chapêao, tapessada, ao grande trote, e outros também aportuguesados.

Além de Garrett ter sabido adoptar processos da linguagem familiar, entre os quais o sufixo dejectivo, também o seu estilo se enriquece com características da linguagem popular, tais como inversões expressivas, concordâncias por atracção, a anteposição dos pronomes, a repetição de sinónimos ou quase sinónimos para intensificar, por aproximações sucessivas, o que se pretende exprimir. De acordo com a transcrição do código oral, em que o emprego dos sinais de pontuação tem de sugerir o ritmo e a entoação da fala, e ainda os matizes psicológicos, a pontuação adquire nesta obra um valor estilístico que também constitui uma inovação.

Mas Garrett tira ainda efeitos humorísticos do emprego do adjectivo, que, só, ou em associações imprevisíveis, ganha um valor impressionista, assim como o adjectivo de modo (processo, entre outros, herdado e desenvolvido por Eça de Queirós). Igualmente as séries de diminutivos são por vezes empregadas com intenção caricatural, e a repetição de vocábulos, de que tira frequentemente efeitos de aliteração, serve-lhe para descrever ambientes, caracterizar personagens. (Todos estes aspectos estilísticos foram magistralmente analisados pelos Profs. Jacinto do Prado Coelho e Ofélia Patra Monteiro.)

Muito mais havia a acrescentar sobre o estilo de Garrett e sobre o romance, mas o leitor se encarregará de completar as lacunas, descobrindo novos, ou renovados, encantos nesta «espiritosa excentricidade literária», classificação atribuída às Viagens na Revista Universal Lisbonense.

MARIA EMA TARRACHA FERREIRA

VIAGENS NA MINHA TERRA

Qu'il est glorieux d'avoir une nouvelle carrière et de paraître tout-à-coup dans le monde secant, un livre de découvertes à la main, comme une comète inattendue étincelle dans l'espace.

X. DE MAISTRE

CAPÍTULO I

De como o autor deste erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu immortalizar-se escrevendo estas suas viagens. — Parte para Santarém. — Chega ao Terreiro do Paço, embarca no vapor de Vila Nova; e o que aí lhe sucede. — A *Dedicação Cronológica* e a Baixa de Lisboa. — Lord Byron e um bom charuto. — Travam-se de razões os Ilhaves e os Bordas-d'Água: os da calça larga levam a melhor.

Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes¹, de Inverno, em Turim, que é quase tão frio como S. Petersburgo — entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de Esito, viajo até à minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosa infância nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei-de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém; e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crónica.

Era uma ideia vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha há muito, de ir conhecer as ricas várzeas desse Ribatejo, e saudar em seu alto cumee a mais histórica e monumental das nossas vilas. Abalam-me as instâncias de um amigo, decidem-me as tonterias de um jornal, que por mexerique quis encabeçar em designio politico determinado a minha visita².

Pois por isso mesmo, vou: — *pronunciet-me*.

São 17 deste mês de Julho, ano de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estreia. Seis horas da manhã a dar em S. Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro do Paço. Chego muito a horas, envergonhei os

meus madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se prezam de mais matutinos homens que eu. Já vou quase no fim da praça, quando oiço o rodar grave mas pressuroso duma carroga *d'ancien régime*: é o nosso chefe e comandante, o capitão da empresa, o Sr. C. da T., que chega em estado.

Também são chegados os outros companheiros. O sino dá o último rebate. Partimos.

Numa *regata* de vapores³, o nosso barco não ganhava decerto o prêmio. E se, no andar do progresso, se chegaram a instituir alguns ismicos ou olímpicos para este género de carreiras, e se para elas houver algum Pindaro, ansioso de correr, em estrofes e anástrofes [e epodos] atrás do vencedor que vai coroar de seus hinos imortais — não cabe nem um triste minigado epodo a este cansado corredor de Vila Nova. É um barco sério e sisudo que se não mete nessas andanças.

Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este majestoso e pitoresco anfiteatro de Lisboa oriental, que é, vista de fora, a mais bela e grandiosa parte da cidade, a mais característica, e onde, aqui e ali, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das crónicas. Da Fundação para baixo tudo é prosaico e burguês, chato, vulgar e sensor como um período da *Detecção Cronológica*, aqui e ali assoprado numa tentativa ao grandioso do mau gosto, como alguma oitava menos rasteira do *Oriente*.

Assim o povo, que tem sempre melhor gosto e mais puro do que essa escuma descorada que anda ao de cima das populações, e que se chama a si mesma por excelência a *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madrede Deus e o Beato e Xabregas e Marvila e as hortas de Chelas. A um lado, a imensa majestade do Tejo em sua maior extensão e poder, que ali mais parece um pequeno mar mediterrâneo; do outro, a frescura das hortas e a sombra das árvores, palácios, mosteiros, sítios consagrados todos a recordações grandes ou queridas. Que outra saída tem Lisboa que se compare em beleza com esta? Tirado Belém, nenhuma. E ainda assim, Belém é mais árido.

Já saudámos Alhandra, a toirreira; Vila Franca, a que foi de Xira, e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira, quando a tal Restauração caiu, como a todas as restaurações sempre sucede e há-de suceder, em ódio e execução tal, que nem uma pobre vila a quis para sobre si.

«A questão não era de restaurar nem de não restaurar, mas de se livrar a gente de um governo de patuscos, que é o mais odioso e engulhoso dos governos possíveis.»

É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viagem acudiu ao princípio de ponderação que eu ia involuntariamente fazendo a respeito de Vila Franca.

Mas eu não tenho ódio nenhum a Vila Franca, nem a esse famoso cirio

que lá foi fazer a velha monarquia. Era uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por força havia de suceder. Este necessário e inevitável reviramento por que vai passando o mundo há-de levar muito tempo, há-de ser contrariado por muita reacção antes de completar-se...

No entretanto, vamos acender os nossos charutos, e deixemos os precintos aristocráticos da ré; à proa, que é país de cigarro livre!

Não me lembra que Lord Byron celebrasse nunca o prazer de fumar a bordo. É notável esquecimento no poeta mais embarcadizo, mais marujo que ainda houve, e que até cantou o enjoo, a mais prosaica e nauseante das misérias da vida! Pois num dia destes, sentir na face e nos cabelos a brisa refrigerante que passou por cima da água, enquanto se aspiram molmente as narcóticas exalações de um bom cigarro de Havana, é uma das poucas coisas sinceramente boas que há neste mundo.

Fumemos!

Aqui está um campino fumando [também] gravemente o seu cigarro de papel, que me vai emprestar lume.

— Dou-lho eu, senhor... — acode cortesmente outra figura mui diversa, cujas feições, traço e modos singularmente contrastam com os do *mostrabe* ribatejano.

Acenderam-se os charutos, e atencíamos mais devagar na companhia em que estávamos.

Era com efeito notável e interessante o grupo a que nos tínhamos chegado, e destacava pitorescamente do resto dos passageiros, mistura híbrida de traços e feições descaracterizadas e vulgares, que abunda nos arredores de uma grande cidade marítima e comercial. — Não assim este grupo mais separado com que fomos topar. Consta ele de uns doze homens; cinco — eram desses famosos atletas da Alhandra, que vão todos os domingos colher o *putterem olympicum* da praça de Sant'Ana, e que à voz soberana e irresistível de *à unha, à unha, à unha*, *à cernelha!* correm a arcar com mais generosos, não mais possantes animais que eles, ao som das imensas palmas, e a troco dos raros pintos por que se manifesta o sempre clamoroso e sempre vazio entusiasmo das multidões. Voltavam à sua terra os meus cinco lutadores, ainda em traio de praça, ainda esmurrados e cheios de glória da contenda da véspera. Mas ao pé destes cinco e de altercação com eles — já direi porque — estavam seis ou sete homens que em tudo pareciam os seus antipodas.

Em vez do calção amarelo e da jaqueta de ramagem, que caracterizam o homem do forçado, estes vestiam o amplo saio grego dos varinos, e o tabardo arrequidão siciliano de pano de varas. O campino, assim como o saio, têm o cunho da raça africana; estes são da família pelasga: feições regulares e móveis, a forma ágil.

Ora os homens do Norte estavam disputando com os homens do Sul. A questão fora interrompida com a nossa chegada à proa do barco. Mas um

dos Ilhавos — bela e poética figura de homem —, voltando-se para nós, disse naquele seu tom acentuado:

— Pois aqui está quem há-de decidir: vejam nos senhores. Eles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ninguém, que não há quem lhes chegue. E os senhores, a serem cá de Lisboa, há-de dizer que sim. Mas nós...

— Nenhum de nós é de Lisboa: só este senhor que aqui vem agora.

Era o C. da T., que chegava.

— Este conheço eu; este é dos nossos! — bradou um homem de forçado, assim que o viu. — Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi numa terra, isso é verdade; mas aqui de Valada a Almeirim ninguém corre mais do que ele por sol e por chuva, e há-de saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.

— Pois oigamos lá a questão.

— Não é questão — tornou o Ilhавo —; mas, se este senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje é um jardim, benza-o Deus! Mas não foram os campinos que o fizeram; foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é, e fez terra das areias da charneca.

— Lá isso é verdade.

— Não, não é! Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros do Tejo, que é como quem semeia em manieira. É uma lavoura que a faz Deus, por sua mão, regar e adubar e tudo; e o que Deus não faz, não fazem eles, que nem sabem ter mão nesses mouchões co plantio das árvores: só lá por cima é que algumas têm metido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as enchentes. — Mas nós, pé no barco, pé na terra, tão depressa estamos a sachar o milho na charneca, como vimos por aí a baixo com a vara no peito, e o saveiro a pegar na areia por não haver água, mas sempre labutando pela vida.

— A força é que se fala — tornou o campino, para estabelecer a questão em terreno que lhe convinha. — A força é que se fala: um homem do campo que se delta ali à cernelha de um toiro, que uma companhia inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores, pelo rabol!...

E reforçou o argumento com uma gargalhada triunfante, que achou eco nos interessados circunstantes, que já se tinham apinhado a ouvir os debates.

Os Ilhавos ficaram um tanto abatidos; sem perderem a consciência da sua superioridade, mas acanhados pela algazarra.

Parecia a esquerda de um parlamento, quando vê sumir-se, no burburinho acintoso das turbas ministeriais, as melhores frases e as mais fortes razões dos seus oradores.

Mas o orador ilhавo não era homem de se dar assim por derrotado. Olhou para os seus, como quem os consultava e animava, com um gesto

expressivo; e, voltando-se a nós, com a direita estendida aos seus antagonistas:

— Enão agora, como é de força, quero eu saber, e estes senhores que digam, qual é que tem mais força, se é um toiro ou se é o mar.

— Essa agora!...

— Queríamos saber.

— É o mar.

— Pois nós, que brigamos com o mar, oito a dez dias a fio numa tormenta, de Aveiro a Lisboa, e estes, que brigam uma tarde com um toiro, qual é que tem mais força?

Os campinos ficaram cabisbaixos; o público imparcial aplaudiu por esta vez a opposição, e o Vouga triunfou do Tejo.

Declarar-se épicas, simbólicas e míticas estas viagens. — Faz o A. modestamente o seu próprio elogio. — Da marcha da civilização; e mostra-se como ela é dirigida pelo cavaleiro da Mancha, D. Quixote, e por seu escudeiro, Sancho Pança. — Chegada a Vila Nova da Rainha. — Suplício de Tânato. — A virtude, galardão de si mesma, e sofisma de Jeremias Bentham. — Azambuja.

CAPÍTULO II

Estas minhas interessantes viagens não-de ser uma obra-prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do século. Preciso de o dizer ao leitor, para que ele esteja prevenido; não cuide que são quaisquer dessas rabiscaduras da moda que, com o título de *Impressões de Viagem*, ou outro que tal, fatigam as impensas da Europa sem nenhum proveito da ciência e do adiantamento da espécie.

Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo... é um mito, palavra grega, e de moda germânica, que se mete hoje em tudo e com que se explica tudo... quando se não sabe explicar.

É um mito, porque — porque... Já agora, rasgo o véu e declaro abertamente ao benevolente leitor a profunda ideia que está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagemzinha que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada como um livro novo da feitura de Leipzig, não das tais brochurinhas dos *boulevard*s de Paris.

Houve aqui há anos um profundo e caro filósofo de além-Reno, que escreveu uma obra sobre a marcha da civilização, do intelecto — o que diríamos, para nos entenderem todos melhor, o *Progreso*. Descobriu ele que há dois princípios no mundo: o *espiritualismo*, que marcha sem atender à parte material e terrena desta vida, com os olhos fitos em suas grandes e abstractas teorias, hirto, seco, duro, inflexível, e que pode bem personalizar-se, simbolizar-se pelo famoso mito do Cavaleiro da Mancha, D. Quixote; — o *materialismo*, que, sem fazer caso nem cábelal dessas teorias, em que não crê e cujas impossíveis aplicações declara todas utópicas, pode bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança.

Mas, como na história do malicioso Cervantes, estes dois princípios tão avessos, tão descontraídos, andam contundo juntos sempre, ora um mais atrás, ora outro mais adiante, empecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.

E aqui está o que é possível ao progresso humano. E eis aqui a crónica do passado, a história do presente, o programa do futuro.

Hoje o mundo é uma vasta Baratária, em que domina el-rei Sancho. Depois há-de vir D. Quixote.

O senso comum virá para o milénio: reinado dos filhos de Deus! Está prometido nas divinas promessas... como el-rei da Prússia prometeu uma constituição; e não faltou ainda, porque... porque o contrato não tem dia; prometeu, mas não disse para quando.

Ora nesta minha viagem Tejo arriba está simbolizada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor entendesse agora. Tomarei cuidado de lho lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.

Somos chegados ao triste desembarcadouro de Vila Nova da Rainha, que é o mais feio pedaço de terra aluvial em que ainda poisei os meus pés. O sol arde como ainda não ardeu este ano.

Um imenso arraial de caleças, de machinhos, de burros e arrieiros nos espera naquele descampado africano. É forçoso optar entre os dois martírios da caleça ou do macho. Do mal o menos... Seja este.

E acólá — oh, suplicio de Tântalo! — vejo duas possantes e nélias mulas castelhanas, jumgidas a um veiculo que, nestas paragens e ao pé daquéloutros, me parece mais esplêndido do que um *landau* de Hyde-Park, mais elegante que um caleche de Longchamps, mais cómodo e elástico do que o mais aêreo *briska* da princesa Helena. E contudo — oh, mágico poder das situações! — ele não é senão uma substancial e bem apesoadra traquinana de cortinas.

Togados manes dos antigos desembaradores, venerandas cabeleiras de anéis e castanhola, que direis, ó respeitadas sombras, se desse limbo onde estais esperando pela ressurreição do Pegas... e do livro quinto — vedes este degenerado e espiro sucessor vosso, em calças largas, fraque verde, chapéu branco, gravata de cor, chicotinho de cauchu na mão, pronto a cavalgar em mulhinha de *Patio Mérico*, como um garrão estudantino do segundo ano, e deitando olhos invejosos para esse natural, próprio e adscrito modo de condução desembaratória? Oh! que direis vós? Com que justo desprezo não olhareis para tanta degradação e detrogação!

Eu comungava silenciosamente comigo nestas graves meditações e revolvia incertamente no ânimo a ponderosa dúvida: — se o administrar justa direita aos povos valia a pena de andar um desembargador a pé!... Lutava no meu ser o Sancho Pança da carne com o D. Quixote do espírito, quando a Providência, que nos maiores apertos e tentações nos não abandona nunca, me trouxe a generosa oferta de um amigo e companheiro do vapor, o Sr. L. S.: era sua a invejada carroça, e nela me deu lugar até à Azambuja.

A virtude é o galardão de si mesma, disse um filósofo antigo; e eu não creio no famoso dito de Bentham, que sabedoria antiga seja um sofisma. O mais moderno é o mais velho, não há dúvida; mas o antigo, que dura ainda, é porque tem achado na experiência a confirmação que o moderno não tem. Jeremias Bentham também fazia o seu sofisma como qualquer outro.

Amos percorrendo lentamente aquele mal composto marachão, que poucos palmos se eleva do nível baixo e salgado do solo: de Inverno não se passará sem perigo; ainda agora se não anda sem incómodo e receio. Estamos em Vila Nova e às portas do nojento *caravanaray*, único asilo do viajante nesta, hoje, a mais frequentada das estradas do reino.

Parece-me estar mais deserto e stufo, mais abandonado e em ruínas este asqueroso lugarejo, desde que ali ao pé tem a estação dos vapores, que são a comodidade, a vida, a alma do Ribatejo. Imagino que uma aldeia de Alarves nas faldas do Atlas deve ser mais limpa e cómoda.

Oh! Sancho, Sancho, nem sequer tu reinarás entre nós! Caiu o carunchoso trono do teu predecessor, antagonista e às vezes amigo; acotaram-te essas nádegas para desencantar a formosa *dél Toboso*; proclamaram-te depois rei em *Barataria*, e nesta tua provincia lustrana nem o paternal governo do teu estúpido materialismo pode estabelecer-se para cómodo e salvação do corpo, já que a alma... Oh! a alma...

Falemos noutra coisa.

Fujamos depressa deste monturo. — É monótona, árida e sem frescura de árvores, a estrada; apenas alguma rara oliveira mal medrada, a longos e designais espaços, mostra o seu tronco raquitico e braços contorcidos, ornados de ramísculos docentes, em que o natural verde-alvo das folhas é mais alvaceito e desbotado que o costume. O solo, porém, com raras excepções, é óptimo, e a troco do pouco trabalho e insignificante despesa, daria uma estrada tão boa como as melhores da Europa.

Dizia um secretário de Estado, meu amigo, que para se reparir com igualdade o melhoramento das ruas por toda Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro todos os três meses. Quando se fizer a lei de responsabilidade ministerial, para as calendas gregas, eu hei-de propor que cada ministro seja obrigado a viajar por este seu reino de Portugal ao menos uma vez cada ano, como a desobriga.

Aí está a Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visíveis sinais de vida, ascedas e com ar de conforto as suas casas. É a primeira povoação que dá indício de estarmos nas férteis margens do Nilo português.

Corremos a aprear-nos no elegante estabelecimento que ao mesmo tempo cumula as três distintas funções de *hotel*, de *restaurant* e de *café* da terra.

Santo Deus! Que bruxa que está à porta! Que antro lá dentro... Cai-me a pena da mão.